

## O SOLO INFÉRTIL

*\*resposta à ficção epistolar de Raduan Nassar, intitulada O Ventre Seco*

**Patrícia Monteiro Peixoto**

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Vejo agora quantos erros em cascata são cabíveis em um grande equívoco. Desde o dia em que te vi pela primeira vez até aqui, sinto que minha alma estava descolada do meu corpo e eu era sempre uma autômata, vivendo uma vida que deveria ser penitência de outro, por puro engano. Um simples tropeço, que foi capaz de me lançar ao fundo de um bueiro, sem fundo. O último erro que me permitirei cometer, agora já em posse de minha antiga consciência, é escrever essa maldita carta, por um bem higiênico. Ainda sinto as suas bactérias no meu corpo.

Você não é o mal, Carlos, e isso me causa alguma piedade, lá no fundo. Era notável o quanto você tentava fazer algo bom, sempre escrevendo naquele seu caderninho. O mal é uma coisa inevitável que te acompanha, que vai mofando tudo o que você toca. Enquanto diz palavras vestidas pelo seu eruditismo, e até bonitas, você consegue murchar tudo. Não se engane, você não é mais velho do que as coisas que toca, tudo o que toca passa rapidamente de qualquer estado de vigor ao mais puro passatismo. Não vou negar que, tal qual um menino do dedo verde às avessas, você me despertava enorme curiosidade. Uma curiosidade mórbida, eu posso admitir.

Essa carta é escrita por mim para ser mais prática do que pareceu até agora, mas eu tive que ocupar a introdução deixando minha opinião de evidente a fluorescente, para que não haja dúvidas de que não tenho pretensão nenhuma de te agradar ou de me justificar daqui pra frente. Não me interessa pelo que pensa de mim, se em suas previsões já me condenou a uma vida miseravelmente fútil. Nada vai acontecer como seus olhos percebem, porque você é terrivelmente criativo (um talento inegável), tal qual um lunático. Talvez eu tenha te amado por isso inclusive, era a

parte menos tediosa da sua presença, ser etéreo e rarefeito, com pés que nunca tocavam o chão.

De fato, não posso te acusar de proselitismo, você não se daria a este trabalho. Sabemos, Carlos, que você preferia minar a minha liberdade de pensamento através de sanções emocionais, disfarçadas por simples mau humor. O fato é que sua desfeita a todos os meus interesses era uma punição, como se quisesse que eu enxergasse a mediocridade que você via em mim, sem a ajuda de qualquer aparato do seu autoritarismo, mas de forma tão cruel quanto, com a sua rejeição. Você jamais se permitiu a verdadeira inteligência, do olhar menos egóico, reconhecer as potencialidades das minhas “ideias jovens”. O meu defeito sempre foi não estar morta por dentro como você, entregue ao niilismo da roupa de cama meticulosamente dobrada. O Jorge morreu, e você ainda está apegado a esses seus procedimentos psicopatas e a tantas teorias terraplanistas.

Acho esse voto de castidade uma solução pertinente para a sua deficiência crônica de amor. Chega a ser ingênuo todas as voltas e conjecturas para não admitir que a sua dor é não ser amado exatamente como gostaria. Veja, é você quem reconhece minhas tentativas de semear algo em você, mas você é um solo árido, e nem é pelo excesso de uso! É tão tóxico quanto – agora sei – já estavam as paredes do ventre que te gestou. Eu ter recusado a tua autoridade fez você se sentir insignificante, não foi? Para você, o meu amor só era sincero conquanto viesse como indício de idolatria. Órfão da idolatria, “turva-se a água!” O amor inexistente, e eu sou a grande enganadora. Pobre de você, Carlos! Não seja ridículo, “a cicatriz da indiferença” arde com pontadas doloridas.

Agora, essa história da sua mãe, é sem dúvida a coisa mais divertida que você fez pelo nosso relacionamento. É brilhante, e vou adorar contar a todos o fato ter passado por isso. Uma coisa cinematográfica mesmo, tão francesa como meus lindos peitos sempre foram dignos de protagonizar. O que faz de você uma espécie de vilão cansado. Com seus longos discursos cínicos eu já estava acostumada, mas esta história foi um brinde por eu ter comprado o combo. Ela dá corpo e dimensão a tudo que vivemos e me tirou gargalhadas impagáveis. Fui tentar me recordar, e Carlos, você tem os olhos da sua mãe!

Você é mesmo um artista incompreendido, cosmopolita, mas não muito diferente daqueles peões das terras dos meus avós, que veem a sensibilidade como uma foice prestes a decepar seus paus. Degenerescência é essa mesquinhez humana a qual o patriarcado te condenou até os últimos dias. Tranque-se a sete chaves com o tal silêncio que a maturidade lhe trouxe, é um bem mútuo entre você e o mundo, com o que resta nele de alegria. Você não fará falta, Carlos, e te digo isto com a legitimidade da intimidade que compartilhamos. Como pôde atestar, não busquei a escova de dentes, nem todo o resto; porque quero me desvincular de tudo que passou pelas tuas mãos.

Carlos, acho que está em tempo de te pedir perdão. Eu nunca quis te ferir, até hoje, mas vejo claramente que falhei. Eu interrompi o fracasso da sua vida com promessas de esplendor, e agora, com a minha ida, o fracasso deve parecer-lhe menos familiar que insuportável. Se eu mesma pudesse te consolar, eu diria que você tem potência para ser exatamente o que é, um neurótico obsessivo de manual, um homem chato. Você merece ser mapeado por algum estudo científico da boa e velha psicanálise – para mencionar a perversão que você mais odeia. Nem tudo está perdido aos quarenta, embriague-se de si mesmo, ainda que não haja qualquer sinal de seus admiradores.

Me despeço, com o comedimento que você me pede, atendendo com alívio.

Nunca te conheci, nunca te ouvi nem te li,

Você é um ruído na troca entre as rádios AM, uma rasura no canto de uma página que perdi.